

Gilles Ivain

# Formulário para um novo urbanismo

Formulaire pour un urbanisme nouveau

*Sire, je suis de l'autre pays*

Nous nous ennuyons dans la ville, il n'y a plus de temple du soleil. Entre les jambes des passantes les dadaïstes auraient voulu trouver une clef à molette, et les surréalistes une coupe de cristal, c'est perdu. Nous savons lire sur les visages toutes les promesses, dernier état de la morphologie. La poésie des affiches a duré vingt ans. Nous nous ennuyons dans la ville, il faut se fatiguer salement pour découvrir encore des mystères sur les pancartes de la voie publique, dernier état de l'humour et de la poésie:

*Bain-Douches des Patriarches  
Machines à trancher les viandes  
Zoo Notre-Dame  
Pharmacie des Sports  
Alimentation des Martyrs  
Béton translucide  
Scierie Main-d'or  
Centre de récupération fonctionnelle  
Ambulance Sainte-Anne  
Cinquième avenue café  
Rue des Volontaires Prolongée  
Pension de famille dans le jardin  
Hôtel des Etrangers  
Rue Sauvage*

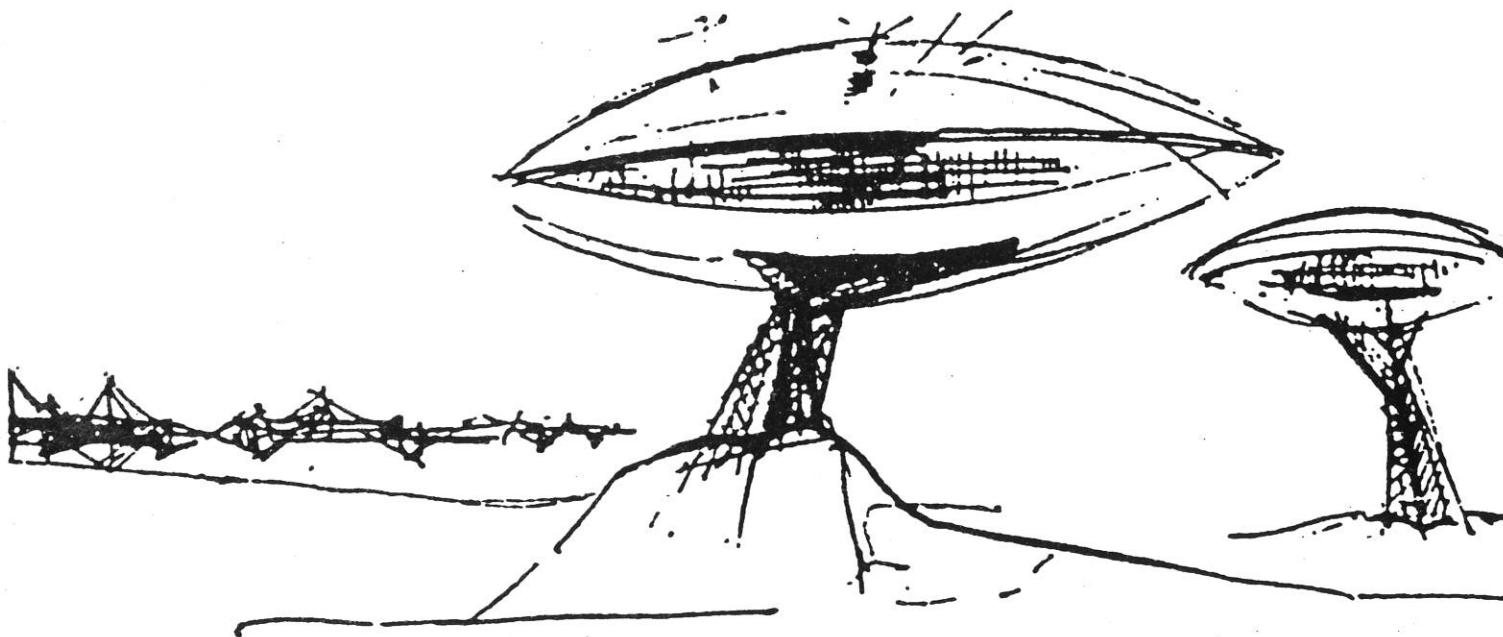
Et la piscine de la rue des Fillettes. Et le commissariat de police de la rue du Rendez-vous. La clinique médico-chirurgicale et le bureau de placement gratuit du quai des Orfèvres. Les fleurs artificielles de la rue du Soleil. L'hôtel des Caves du Château, le bar de l'Océan et le café du Va et Vient. L'hôtel de l'Epoque.

Et l'étrange statue du Docteur Philippe Pinel, bienfaiteur des aliénés, dans les derniers soirs de l'été. Explorer Paris.

Et toi oubliée, tes souvenirs ravagés par toutes les consternations de la mappemonde, échouée au Caves Rouges de Pali-Kao, sans musique et sans géographie, ne partant plus pour l'hacienda où les racines pensent à l'enfant et où le vin s'achève en fables de calendrier. Maintenant c'est joué. L'hacienda, tu ne la verras pas. Elle n'existe pas.

*Il faut construire l'hacienda.*

Toutes les villes sont géologiques et l'on ne peut faire trois pas sans rencontrer des fantômes, armés de tout le prestige de leurs légendes. Nous



Publicado originalmente em francês, no Boletim nº 1 da Internacional Situacionista, junho de 1958, pp 15-20. In *Internationale Situationniste - 1958-69*, Éditions Champ Libre, Paris, 1975

Tradução de Carlos Roberto Monteiro de Andrade

A Internacional Letrista adotou em outubro de 1953 este texto de Gilles Ivain sobre o urbanismo, que constitui um elemento decisivo da nova orientação tomada então pela vanguarda experimental.

évoluons dans un paysage fermé dont les points de repère nous tirent sans cesse vers le passé. Certains angles mouvants, certaines perspectives fluyantes nous permettent d'entrevoir d'originales conceptions de l'espace, mais cette vision demeure fragmentaire. Il faut la chercher sur les lieux magiques des contes du folklore et des écrits surréalistes: châteaux, murs interminables, petits bars oubliés, caverne du mammoth, glace des casinos.

Ces images périmées conservent un petit pouvoir de catalyse, mais il est presque impossible de les employer dans un *urbanisme symbolique* sans les rajeunir, en les chargeant d'un sens nouveau. Notre mental hanté par de vieilles images-clés est resté très en arrière des machines perfectionnées. Les diverses tentatives pour intégrer la science moderne dans de nouveaux mythes demeurent insuffisantes. Depuis, l'abstrait a envahi tous les arts, en particulier l'architecture d'aujourd'hui. Le fait plastique à l'état pur, sans anecdote mais inanimé, repose l'oeil et le refroidit. Ailleurs se retrouvent d'autres beautés fragmentaires, et de plus en plus lointaine la terre des synthèses promises. Chacun hésite entre le passé vivant dans l'affectif et l'avenir mort dès à présent.

Nous ne prolongerons pas les civilisations mécaniques et l'architecture froide qui mènent à fin de course aux loisirs ennuyés.

*Senhor, eu sou de outro pais*

Nós nos aborrecemos na cidade, não há mais templo do sol. Entre as pernas dos transeuntes os dadaístas pretendiam encontrar uma chave estrela e os surrealistas uma taça de cristal, perdida. Sabemos ler nas fisionomias todas as promessas, último estágio da morfologia. A poesia dos cartazes durou vinte anos. Nós nos aborrecemos na cidade, é preciso se cansar porcamente para ainda descobrir mistérios nos anúncios da via pública, último estágio do humor e da poesia:

*Banho-Duchas dos Patriarcas  
Máquinas para destrinchar carnes  
Zoo Nossa-Mãe  
Farmácia das Esportes  
Alimentação dos Mártires  
Concreto translúcido  
Serraria Mão-de-ouro  
Centro de recuperação funcional  
Ambulância Santa Ana  
Café Quinta-avenida  
Rua dos Voluntários Prolongada  
Pensão familiar no jardim  
Hotel dos Estrangeiros  
Rua Selvagem*

E a piscina da rua das Meninas. E o comissariado de polícia da rua do Rendez-vous. A clínica médico-cirúrgica e a agência de empregos gratuita do cais dos Ourives. O hotel das Adegas do Castelo, o bar do Oceano e o café do Vai e Vem. O hotel da Época.

E a estranha estátua do Doutor Philippe Pinel, benfeitor dos alienados, nas últimas tardes de verão. Explorar Paris.

E tu esquecido, tuas lembranças destruídas por todas as consternações do mapa-mundi, encahadas nas Adegas Vermelhas de Pali-Kao, sem música e sem geografia, não partindo mais para a hacienda (fazenda) onde as raízes pensam na criança e o vinho se acaba em fábulas de calendário. Agora está lançado. A hacienda, tu não a verás. Ela não existe.

*É preciso construir a hacienda.*

Todas as cidades são geológicas e não se pode dar três passos sem encontrar fantasmas, armados com todo o prestígio de suas lendas. Evoluímos em uma paisagem fechada, cujos pontos de referência nos conduzem sem cessar para o passado. Alguns ângulos móveis, algumas perspectivas fugazes nos permitem entrever concepções originais do espaço, mas esta visão permanece fragmentária. É preciso buscá-la nos lugares mágicos dos contos de folclore e dos escritos surrealistas: castelos, muros intermináveis, pequenos bares esquecidos, caverna do mamute, espelho dos cassinos.

Estas imagens caducas conservam um pequeno poder de catálise, mas é quase impossível empregá-las em um *urbanismo simbólico* sem rejuvenescê-las, atribuindo-lhes um sentido novo. Nossa mentalidade possuída por velhas imagens-chaves permaneceu muito atrás das máquinas aperfeiçoadas. As diversas tentativas para integrar a ciência moderna aos novos mitos permanecem insuficientes. Desde que o abstrato invadiu todas as artes, em particular a arquitetura atual, o fato plástico em seu estado puro, sem curiosidade, mas inanimado, repousa o olho e o refresca. Em outro lugar se encontram outras belezas fragmentárias, e cada vez mais distante a terra das sínteses prometidas. Cada um hesita entre o passado vivo no afetivo e o futuro morto desde agora.

Não prolongaremos as civilizações mecânicas e a arquitetura fria que conduzem no fim das contas aos lazers aborrecidos.

Nós nos propomos a inventar novos cenários móveis. (...)

A escuridão recua diante da iluminação e as estações diante das salas climatizadas: a noite e o verão perdem seus encantos, e a madrugada desaparece. O homem das cidades pensa se afastar da realidade cósmica e não sonha mais com isso. A razão é evidente: o sonho tem seu ponto de partida na realidade e se realiza nela.

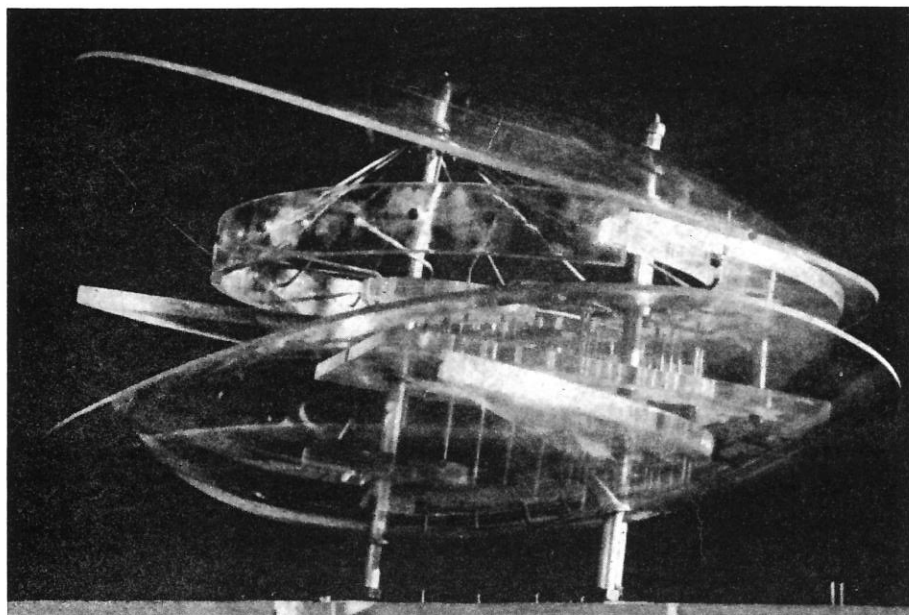
O último estágio da técnica permite o contato permanente entre o indivíduo e a realidade cósmica, suprimindo seus desgostos. O teto de vidro deixa ver as estrelas e a chuva. A casa móvel gira com o sol. Suas paredes com ranhuras permitem à vegetação invadir a vida. Apoiada sobre rolamentos ela pode avançar de manhã até o mar, para voltar à noite para a floresta.

A arquitetura é o meio mais simples de *articular* o tempo e o espaço, de *modular* a realidade, de fazer sonhar. Não se trata somente de articulação e de modulação plásticas, expressão de uma beleza passageira. Mas de uma modulação influncional, que se inscreve na curva eterna dos desejos humanos e do progresso na realização dos desejos.

A arquitetura de amanhã será pois um meio de modificar as concepções atuais do tempo e do espaço. Ela será um meio de *conhecimento* e um *meio de atuação*.

O complexo arquitetônico será modificável. Seu aspecto mudará em parte ou totalmente, conforme a vontade de seus habitantes. (...)

textos da internacional



Nous nous proposons d'inventer de nouveaux décors mouvants. (...) L'obscurité recule devant l'éclairage et les saisons devant les salles climatisées: la nuit et l'été perdent leurs charmes, et l'aube disparaît. L'homme des villes pense s'éloigner de la réalité cosmique et ne rêve pas plus pour cela. La raison en est évidente: le rêve a son point de départ dans la réalité et se réalise en elle.

Le dernier état de la technique permet le contact permanent entre l'individu et la réalité cosmique, tout en supprimant ses désagréments. Le plafond de verre laisse voir les étoiles et la pluie. La maison mobile tourne avec le soleil. Ses murs à coulisses permettent à la végétation d'envahir la vie. Montée sur glissières, elle peut s'avancer le matin jusqu'à la mer, pour rentrer le soir dans la forêt.

L'architecture est le plus simple moyen d'articuler le temps et l'espace, de moduler la réalité, de faire rêver. Il ne s'agit pas seulement d'articulation et de modulation plastiques, expression d'une beauté passagère. Mais d'une modulation influente, qui s'inscrit dans la courbe éternelle des désirs humains et des progrès dans la réalisation de ces désirs.

L'architecture de demain sera donc un moyen de modifier les conceptions actuelles du temps et de l'espace. Elle sera un moyen de *connaissance* et un *moyen d'agir*.

Le complexe architectural sera modifiable. Son aspect changera en partie ou totalement suivant la volonté de ses habitants. (...)

Les collectivités passées offraient aux masses une vérité absolue et des exemples mythiques indiscutables. L'entrée de la notion de *relativité* dans l'esprit moderne permet de soupçonner le côté *experimental* de la prochaine civilisation, encore que le mot ne me satisfasse pas. Disons plus souple, plus "amusé". Sur le bases de cette civilisation mobile, l'architecture sera — au moins à ses débuts — un moyen d'expérimenter les mille façons de modifier la vie, en vue d'une synthèse qui ne peut être que légendaire.

Une maladie mentale a envahi la planète: la banalisation. Chacun est hypnotisé par la production et le confort — tout-à-l'égout, ascenseur, salle de bains, machine à laver.

As colectividades passadas ofereciam às massas uma verdade absoluta e exemplos míticos indiscutíveis. A entrada da noção de *relatividade* no espírito moderno permite respeitar o lado *experimental* da próxima civilização, ainda que a palavra não me satisfaça. Digamos mais flexível, mais "divertido". Sobre as bases desta civilização móvel, a arquitetura será — ao menos em seu começo — um meio de experimentar as mil maneiras de modificar a vida, em vista de uma síntese que pode ser apenas legendaria.

Uma doença mental invadiu o planeta: a banalização. Cada um de nós é hipnotizado pela produção e conforto — rede de esgotos, elevador, banheiro, máquina de lavar.

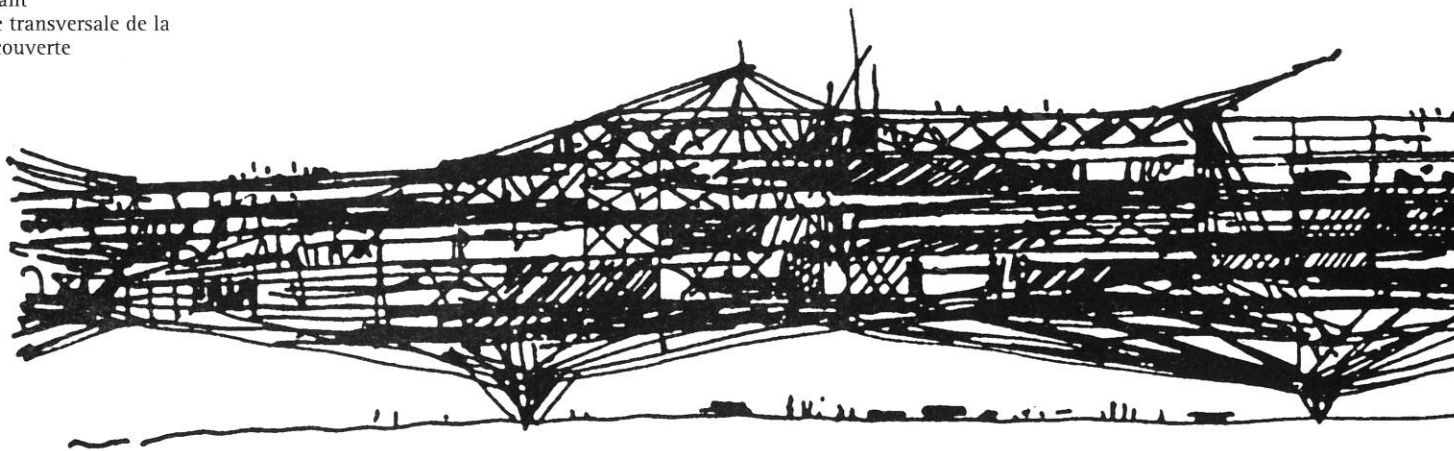
Este estado de coisas que nasce de um protesto contra a miséria ultrapassa seu fim distante — liberação do homem das inquietudes materiais — para se tornar uma imagem obsessiva no imediato. Entre o amor e o descarte automático, a juventude de todos os países escolheu e prefere o descarte. Uma mudança completa do espírito tornou-se indispensável, pela vinda à luz de desejos esquecidos e a criação de desejos inteiramente novos. E por uma *propaganda intensiva* em favor desses desejos.

Nós já assinalamos a necessidade de construir situações como um dos desejos básicos sobre os quais seria fundada a próxima civilização. Esta necessidade de criação absoluta sempre esteve estreitamente mesclada à necessidade de *jogar* com a arquitetura, o tempo e o espaço. (...)

Um dos mais destacados precursores da arquitetura permanecerá sendo Chirico. Ele enfrentou os problemas das ausências e presenças através do tempo e do espaço.

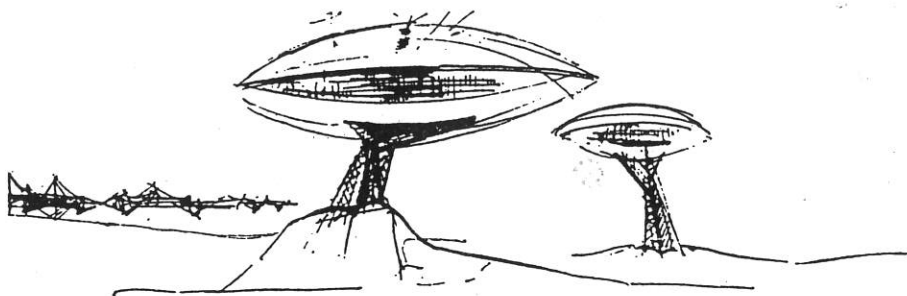
Constant  
Corte transversal da cidade  
coberta

Constant  
Coupe transversale de la  
ville couverte



Nova Babilônia  
Grandes construções  
horizontais suspensas

New Babylon  
Grandes construções  
horizontais suspensas



l'épouvante (peu nous importe que dans ce cas précis le véhicule de l'état d'âme soit la mémoire. Je n'ai choisi cet exemple que pour sa commodité).

Dans la peinture de Chirico (période des Arcades) un *espace vide* crée un *temps bien rempli*. Il est aisé de se représenter l'avenir que nous réserverons à de pareils architectes, et quelles seront leurs influences sur les foules. Nous ne pouvons aujourd'hui que mépriser un siècle qui relègue de pareilles maquettes dans de prétendus musées.

Cette vision nouvelle du temps et de l'espace qui sera la base théorique des constructions à venir, n'est pas au point et ne le sera jamais entièrement avant d'expérimenter les comportements dans des villes réservées à cet effet, où seraient réunis systématiquement, outre les établissements indispensables à un minimum de confort et de sécurité, des bâtiments chargés d'un grand pouvoir évocateur et influentiel, des édifices symboliques figurant les désirs, les for-  
s, les événements passés, présents et à venir. Un élargissement rationnel des anciens systèmes religieux, des vieux contes et surtout de la psychanalyse au bénéfice de l'architecture se fait plus urgent chaque jour, à mesure que disparaissent les raisons de se passionner.

En quelque sorte chacun habitera sa "cathédrale" personnelle. Il y aura des pièces qui feront rêver mieux que des drogues, et des maisons où l'on ne pourra qu'aimer. D'autres attireront invinciblement les voyageurs...

On peut comparer ce projet aux jardins chinois et japonais en trompe-l'oeil — à la différence que ces jardins ne sont pas faits pour y vivre entièrement — ou au labyrinthe ridicule du Jardin des Plantes à l'entrée duquel on peut lire, comble de la bêtise, Ariane en chômage: "Les jeux sont interdits dans le labyrinthe."

Cette ville pourrait être envisagée sous la forme d'une réunion arbitraire de châteaux, grottes, lacs, etc... Ce serait le stade baroque de l'urbanisme considéré comme un moyen de connaissance. Mais déjà cette phase théorique est dépassée. Nous savons que l'on peut construire un immeuble moderne dans lequel on ne recon-  
naîtrait en rien un château médiéval, mais qui garderait et multiplierait le pouvoir poétique du Château (par la conservation d'un strict minimum de

Cet état de fait qui a pris naissance dans une protestation contre la misère dépasse son but lointain — libération de l'homme des soucis matériels — pour devenir une image obsédante dans l'immédiat. Entre l'amour et le vide-ordre automatique la jeunesse de tous les pays a fait son choix et préfère le vide-ordre. Un revirement complet de l'esprit est devenu indispensable, par la mise en lumière de désirs oubliés et la création de désirs entièrement nouveaux. Et par une *propagande intensive* en faveur de ces désirs.

Nous avons déjà signalé le besoin de construire des situations comme un des désirs de base sur lesquels serait fondée la prochaine civilisation. Ce besoin de création absolue a toujours été étroitement mêlé au besoin de *jouer* avec l'architecture, le temps et l'espace. (...)

Un des plus remarquables précurseurs de l'architecture restera Chirico. Il s'est attaqué aux problèmes des absences et des présences à travers le temps et l'espace.

On sait qu'un objet, non remarqué consciemment lors d'une première visite, provoque par son absence au cours des visites suivantes, une impression indéfinissable: par un redressement dans le temps, *l'absence de l'objet se fait présence sensible*. Mieux: bien que restant généralement indéfinie, la qualité de l'impression varie pourtant suivant la nature de l'objet enlevé et l'importance que le visiteur lui accorde, pouvant aller de la joie sereine à

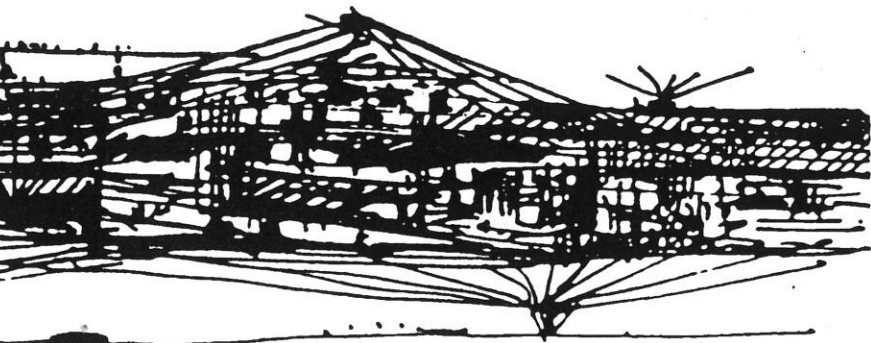
Sabe-se que um objeto, não observado conscientemente quando de uma primeira visita, provoca por sua ausência no curso das visitas seguintes, uma impressão indefinível: por uma correção no tempo, a *ausência do objeto se faz presença sensível*. Melhor: embora permanecendo geralmente indefinida, a qualidade da impressão varia, contudo, conforme a natureza do objeto arrebatado e a importância que o visitante lhe concede, podendo ir da alegria serena ao medo (pouco nos importa que nesse caso preciso o veículo do estado dá alma seja a memória. Não escolhi este exemplo senão por comodidade).

Na pintura de Chirico (período das Arcadas) um *espaço vazio* cria um *tempo bem completo*. É fácil se representar o futuro que reservaremos a semelhantes arquitetos, e quais serão suas influências sobre as massas. Não podemos hoje senão desprezar um século que relega tais maquetas a pretensos museus.

Esta nova visão do tempo e do espaço que será a base teórica das construções do futuro, não está pronta e não o estará jamais inteiramente, antes de experimentar os comportamentos nas cidades reservadas a este efeito, onde seriam reunidos sistematicamente, entre os estabelecimentos indispensáveis a um mínimo de conforto e segurança, edifícios carregados de um grande poder evocador e influencial, edifícios simbólicos figurando os desejos, as forças, os acontecimentos passados, presentes e do futuro. Uma ampliação racional dos antigos sistemas religiosos, dos velhos cantos e sobretudo da psicanálise em benefício da arquitetura se faz mais urgente cada dia, à medida que desaparecem as razões de se apaixonar.

De alguma maneira cada um habitará sua "catedral" pessoal. Haverá peças que farão sonhar melhor que as drogas, e casas onde só se poderá amar. Outras atrairão de modo invencível os viajantes...

Pode-se comparar este projeto aos jardins chineses e japoneses ilusionistas — com a diferença que esses jardins não são feitos para neles se morar — ou o ridículo labirinto do Jardim das Plantas, na

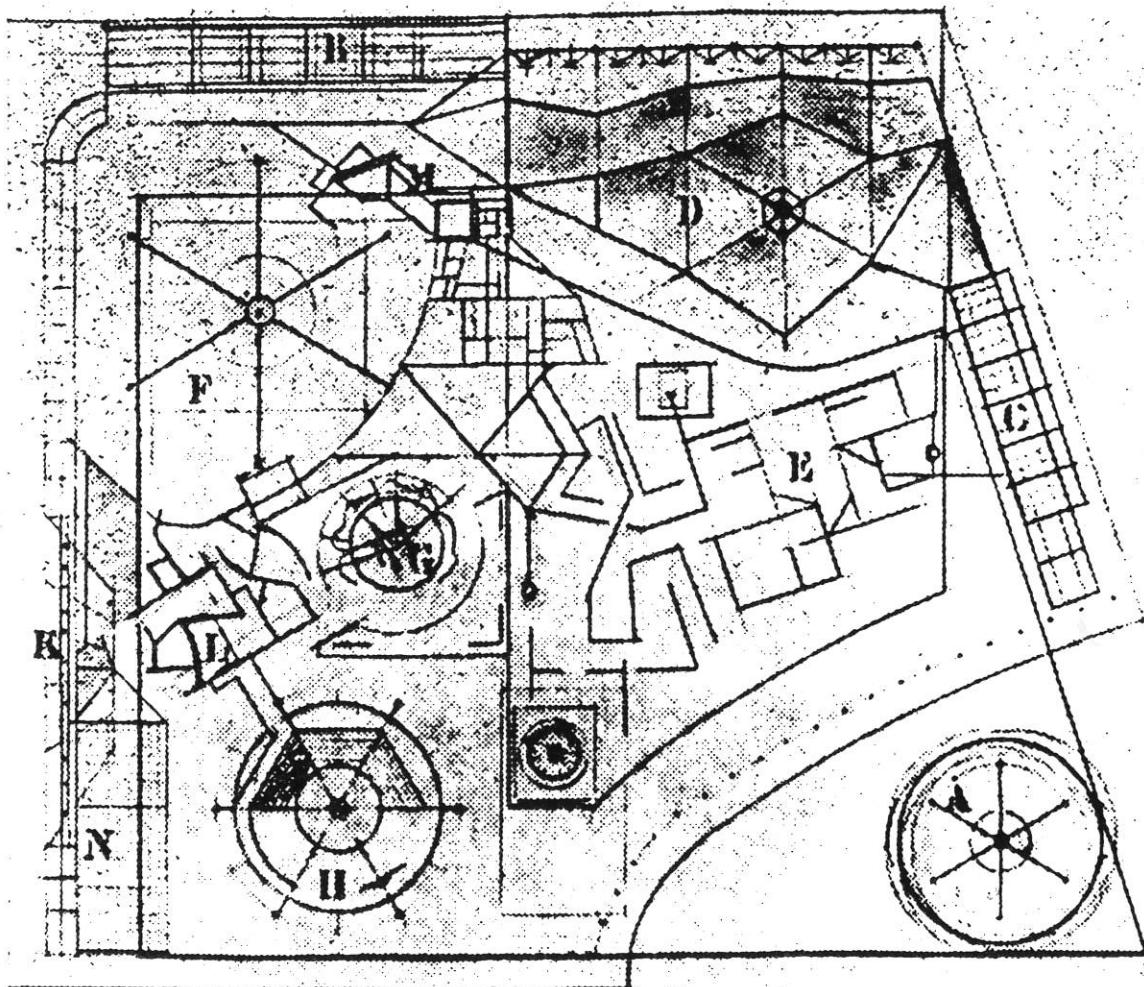


lignes, la transposition de certaines autres, l'emplacement des ouvertures, la situation topographique, etc.).

Les quartiers de cette ville pourraient correspondre aux divers sentiments catalogués que l'on rencontre *par hasard* dans la vie courante.

Quartier Bizarre – Quartier Heureux, plus particulièrement réservé à l'habitation – Quartier Noble et Tragique (pour les enfants sages) – Quartier Historique (musées, écoles) – Quartier Utile (hôpital, magasins d'outillage) – Quartier Sinistre, etc... Et un *Astrolaire* qui grouperait les espèces végétales selon les relations qu'elles attestent avec le rythme stellaire, jardin planétaire comparable à celui que l'astronome Thomas se propose de faire établir à Vienne au lieu dit Laaer Berg. Indispensable pour donner aux habitants une conscience du cosmique. Peut-être aussi un Quartier de la Mort, non pour y mourir mais pour y *vivre en paix*, et ici je pense au Mexique et à un principe de cruauté dans l'innocence qui me devient chaque jour plus cher.

Le Quartier Sinistre, par exemple, remplacerait avantageusement ces trous, bouches des enfers, que bien des peuples possédaient jadis dans leur capitale: ils symbolisaient les puissances maléfiques de la vie. Le Quartier Sinistre n'aurait nul besoin de receler des dangers réels, tels que pièges, oubliettes, ou mines. Il serait l'approche complotée, affreusement décoré (sifflets stridents, cloches d'alarmes, sirènes périodiques à cadence irrégulière, sculptures monstrueuses, mobiles mécaniques à moteurs, dits *Auto-Mobiles*) et peu éclairé la nuit, autant que violemment éclairé le jour par un emploi abusif du phénomène de réverbération. Au centre,



la Place du Mobile Epouvantable. La saturation du marché par un produit provoque la baisse de ce produit: l'enfant et l'adulte apprendraient par l'exploration du quartier sinistre à ne plus craindre les manifestations angossantes de la vie, mais à s'en amuser.

L'activité principale des habitants sera la *deriva continue*. Le changement de paysage d'heure en heure sera responsable du dépaysement complet. (...) Plus tard, lors de l'inévitable usure des gestes, cette deriva quittera en partie le domaine du vécu pour celui de la représentation. (...)

L'objection économique ne résiste pas au premier coup d'oeil. On sait que plus un lieu est *réservé à la liberté de jeu*, plus il influe sur le comportement et plus sa force d'attraction est grande. Le prestige immense de Monaco, de Las Vegas, en est la preuve. Et Reno, caricature de l'union libre. Pourtant il ne s'agit que de simples jeux d'argent. Cette première ville expérimentale vivrait largement sur un tourisme toléré et contrôlé. Les prochaines activités et productions d'avant-garde s'y concentreraient d'elles-mêmes. En quelques années elle deviendrait la capitale intellectuelle du monde, et serait partout reconnue comme telle.

entrada do qual se pode ler, o cúmulo da estupidez, Ariadne em férias: "os jogos estão proibidos, no labirinto".

Esta cidade poderia ser considerada sob a forma de uma reunião arbitrária de castelos, grutas, lagos, etc... Seria o estágio barroco do urbanismo considerado como um meio de conhecimento. Mas esta fase teórica já está ultrapassada. Sabemos que se pode construir um imóvel moderno no qual não reconhecer-se-ia em nada um castelo medieval, mas que guardaria e multiplicaria o poder poético do Castelo (pela conservação de um mínimo estrito de linhas, a transposição de algumas outras, a localização de aberturas, a situação topográfica, etc.).

Os bairros desta cidade poderiam corresponder aos diversos sentimentos catalogados que se encontram *por acaso* na vida corrente.

Bairro Bizarro — Bairro Feliz, reservado particularmente à habitação — Bairro Nobre e Trágico (para crianças educadas) — Bairro histórico (museus, escolas) — Bairro Util (hospital, armazéns de ferramentas) — Bairro Sinistro, etc... E um *Astrolábio* que agruparia as espécies vegetais segundo as relações que tenham com o ritmo estelar, jardim planetário comparável ao que o astrônomo Thomas propôs estabelecer em Viena no lugar chamado Laer Berg. Indispensável para dar aos habitantes uma consciência cósmica. Talvez também um Bairro da Morte, não para aí morrer mas para aí *viver em paz*, e aqui penso no México e em um princípio de crueldade na inocência que se torna, para mim, cada dia mais querido.

O Bairro Sinistro, por exemplo, substituiria vantajosamente esses buracos, bocas dos infernos, que muitos povos já possuíam em sua capital: simbolizavam as potências maléficas da vida. O Bairro maléfico não teria nenhuma necessidade de ocultar perigos reais, tais como armadilhas, alçapões ou minas. Seria de acesso complicado, horrivelmente decorado (assobios estridentes, sinos de alarme, sirenes periódicas de cadência irregular, esculturas monstruosas, móveis mecânicos com motores, chamados *Auto-Móveis*) e pouco iluminado à noite, assim como violentamente iluminado de dia por um emprego abusivo do fenômeno da reverberação. No centro, a *Praça do Móvel Espantoso*. A saturação do mercado por um produto provoca a baixa desse produto: a criança e o adulto aprenderiam pela exploração do bairro sinistro a não temer mais as manifestações angustiantes da vida, mas sim a divertir-se com elas.

A atividade principal dos habitantes será a *deriva continua*. A mudança de paisagem de hora em hora será responsável pela expatriação completa. (...)

Mais tarde, quando do inevitável desgaste dos gestos, a deriva deixará em parte o domínio do vivido pelo da representação.

A objeção mecânica não resiste à primeira olhada. Sabe-se que quanto mais um lugar está *reservado à liberdade de jogo*, mais influi sobre o comportamento e maior é sua força de atração. O prestígio imenso de Mônaco, de Las Vegas, é prova disso. E Reno, caricatura da união livre. Todavia se trata apenas de simples jogos de dinheiro. Esta primeira cidade experimental viveria amplamente do turismo tolerado e controlado. As próximas atividades e produções de vanguarda se concentrariam nela. Em alguns anos ela se converteria na capital intelectual do mundo, e seria por todos reconhecida como tal.